

NOSSOS ESTUDANTES, A ESCOLA E O FUTURO

João Luiz Muzinatti (*in memoriam*)

Todo crescimento se revela na procura de um poderoso adversário.
Nietzsche, na obra *Ecce Homo*

Que estarão pensando nossos estudantes da chamada educação básica? Num país e num mundo confusos, numa sociedade dividida e cheia de sentimentos à flor da pele, num momento político de dar medo... O que constata, o que planejam, como veem sua vida enquanto seres jogados nessa parafernália pós-moderna? O que pensam da ciência, da arte, das relações pessoais? E, talvez o mais importante, onde creem que poderão encontrar respostas para suas inquietações – que imagino serem muitas, e complexas? Na *escola*? Talvez tenhamos – nós, os ditos “educadores” – de nos preocupar mais com essas questões. Senão, vejamos.

Crianças e adolescentes, em quaisquer realidades que vivam, são estimulados, desde muito cedo, por tudo e por todos que fazem parte de seu mundo. Não é possível viver apar-

tado dos apelos midiáticos, das ideias professadas por familiares e amigos, dos objetos de desejo pulverizados homeopaticamente em suas mentes, dos futuros prometidos por todos os lados. Viver neste planeta, para praticamente todos os humanos, significa participar de um mundo que parece já não apenas rodar, mas dar cambalhotas e cavalos de pau, alucinadamente. As imagens e os sons (reais ou virtuais) nos deixam atordoados e incapazes de delineá-los e entendê-los de pronto: pegamos, de passagem, aquilo que é possível, enquanto a vida roda mais que o mundo, enquanto o tempo passa, enquanto já não somos mais aquilo que pensávamos ser. Nós todos! Inclusive – e, principalmente – nossos jovens estudantes.

Num determinado momento de suas vidas, são enviados à escola. A ideia central é que estão se encami-

nhando para um ambiente que os haverá de *ensinar*. Vão até lá para *aprender*. Mas aprender o quê? Saberão mais sobre quê? Quem são os mestres que lhes mostrarão como é esse mundo em que vivem? Quais as informações que recolherão das horas que passarem nas escolas? Vão se tornar mais aptos a entender e poder pensar a fundo a sua realidade? Parecem questões bem tolas, porém, será que sabemos de fato por que e para que existe a escola que temos em nosso tempo?

No ambiente escolar, a vida, o cosmos e o próprio indivíduo ganham importância central. O desenvolvimento humano na história nos trouxe pensamentos e ideias que atingiram tão alto nível de sofisticação que as famílias – educadoras por excelência – não teriam competência para comunicá-los a seus filhos. A realidade objetiva é histórica, linguística, física, matemática, filosófica. Também a nossa subjetividade tem ingredientes que demandam arte, emoção, espiritualidade, desejo. É querer demais esperar que os pais (ou quem quer que seja o encarregado dessas funções) possam dar conta de tão ampla formação. E há funções específicas.

Aos pais, cabem as tarefas de ensinar a criança a falar, vestir-se, portar-se nos diferentes ambientes, desenvolver valores e senso de obrigação. Não seria possível que aos educadores do lar – ou da chamada *educação informal* – também fossem designados os papéis que cabem à es-

cola – também denominada *educação formal*. Enquanto o futuro cidadão se condiciona, em casa, para poder mover-se neste mundo, é na escola que deverá conhecer o formato e a essência de tal mundo. Além do quê, também é de lá que irá retirar subsídios técnicos e conceituais para que possa se perceber e entender em tal contexto. Uma equação bem desenhada. Porém, sua eficiência gera dúvidas.

Uma dessas questões: quais aspectos da realidade estão sendo apresentados aos estudantes da chamada educação básica? A outra: como nossos alunos estão recebendo tais informações, as quais deverão ser transformadas por eles em conhecimento? E um corolário: há uma consonância entre o que se decide ensinar e o que se deseja aprender?

Pensando na primeira parte do problema: estamos tratando de temas realmente relevantes acerca do mundo e de nós humanos? Analisando as chamadas grades curriculares das escolas percebemos que há saberes que talvez não se justifiquem mais como obrigatórios nos tempos atuais. Ou, se podemos indicar sua importância, talvez não consigamos justificar sua abordagem tão minuciosa e profunda na dinâmica escolar. Não vejo muito sentido, por exemplo, nas dezenas (ou centenas) de exercícios de Matemática ou Física – a maioria deles enfocando não conceitos, mas cálculos. E, por falar em Física, me parece desperdício

tamanha exigência com temas que se esgotam no século XIX, quando o século XX nos trouxe grandes inovações, estas quase que ignoradas pelos alunos egressos do ensino médio – por exemplo, Relatividade e Teoria Quântica. O mais sério de tudo: já estamos no século XXI!

Nas ciências biológicas, enquanto o mundo discute, por exemplo, – até de forma polarizada ou dogmática – a relevância da *teoria da evolução*, nosso aluno se desgasta em exercícios de memorização a fim de saber nomes e processos altamente específicos, relacionados a plantas ou insetos, muitos deles completamente desconhecidos de todos nós. É claro que um indivíduo conhecedor das dinâmicas celulares, dos processos genéticos, de botânica e zoologia será alguém capaz de dialogar democraticamente acerca, por exemplo de desmatamento e destruição da biosfera. O problema é: por que ir tão a fundo nos conteúdos da educação básica? O que nossos alunos irão reter de tantas informações? Será que o conhecimento conceitual é secundário em comparação com as nomenclaturas? Fico imaginando até que ponto a maioria desses estudantes, que perderam horas e horas memorizando nomes de organelas, por exemplo, conseguirão discutir em alto nível temas como biodiversidade, eficácia de remédios e vacinas, políticas públicas de saúde ou efeitos das técnicas industriais nas populações – principalmente as

mais pobres. Será que saberão sequer estabelecer uma correlação entre o que aprenderam e aquilo que o debate democrático exige?

No que se refere à própria língua portuguesa, podemos ver também situações estranhas. Não apenas no que se refere à sobrecarga que os adolescentes acabam tendo com exercícios sobre a pura gramática, também os próprios textos são usados, a meu ver, de maneira distorcida. É comum usar-se o “texto como pretexto”: trechos de obras muito importantes dentro da literatura brasileira são usados para que o estudante responda a questões acerca de conteúdos gramaticais, apenas. O texto como instrumento de percepção crítica do mundo acaba ficando esquecido. A genialidade e a contundência humana, política ou filosófica de grandes escritores acabam ficando em segundo ou terceiro plano. No mais das vezes, até não estão em plano nenhum, já que o intuito das abordagens é o trabalho com o lado formal da língua.

Poder-se-ia falar aqui sobre as demais áreas do conhecimento. Dentro da escola, todas elas parecem ser vias não de uma leitura acurada e completa da realidade, mas de uma suprema e exaltada competência (esta, bastante específica) dentro da educação brasileira: *resolver provas; acertar questões!* Nossos alunos, que poderiam ir à escola a fim de desvelar o mundo e conhecer seus recantos mais instigantes e belos, acabam percebendo (desde

cedo) que aprenderão sobre como se preparar para concursos, desde os vestibulares até aqueles que representam a entrada para as futuras profissões. Nessa lógica, “aprendem” conteúdos sobre temas absolutamente estranhos ao seu cotidiano, treinam à exaustão técnicas e mais técnicas, preparam-se até psicologicamente para os testes e constroem competências muito mais voltadas para o êxito nas provas do que para uma construção ética de sua cidadania. As conexões entre o que se percebe acerca do mundo e sua ciência intrínseca acabam se tornando frágeis e o que poderia ser sólido desmancha-se em notas, promoções e diplomas. Esses três troféus serão exibidos e darão orgulho às famílias, ao mesmo tempo em que muitas das informações sem sentido absorvidas na escola acabarão (cuidadosa e pragmaticamente) esquecidas pelo futuro profissional. Nesse momento, sorte de quem perceber que seu tempo foi desperdiçado e que deve correr atrás dos prejuízos, urgentemente. Triste percepção! Porém, penso que essa sacada já começou bem antes. Não creio que nossos jovens não sejam perspicazes. Pelo contrário! Sua indignação com a escola já é manifesta há bastante tempo.

Nos vários modelos de escolas que temos hoje, apesar de haver movimentos mais voltados para a tal “excelência” nas provas, enquanto outros seguem no ritmo da produção de diplomas de maneira mais suave, alguns aspectos perpassam a realidade de

um modo geral. Um deles é a adoção quase cega de um grupo de conteúdos – do qual já falamos acima – que não penetram as percepções cotidianas dos estudantes. São-lhes estranhos e, portanto, enfadonhos. Ao ingressar na escola, lá pelas séries iniciais, os alunos bem que imaginam que a realidade vivida vai ser muito bem explicitada pelos saberes que lhes serão ofertados. Ledo engano! Aos poucos os jovens vão percebendo que a escola vai lhes falar sobre assuntos estranhos e (na sua visão) completamente dispensáveis. Afinal, o mundo parece não necessitar deles para se mostrar, até mesmo para quem seja um pouco mais curioso. E vem a velha frase: “para que isso”. Para ir bem nas provas, ora bolas! Mas isso não é tudo! Vejo um aspecto ainda mais sério.

Conhecer de verdade o nosso mundo talvez seja abarcar leis e fatos que não só o expliquem mas que acompanhem nossas percepções e expectativas. Este mundo e esta nossa realidade têm caminhos traçados no passado, mas que se entrelaçam no presente. Nosso sistema solar, nossa galáxia e este planeta ocupam lugares novos no cosmos a cada instante. E, do mesmo modo que as velocidades de translação da Terra e do próprio Sol em torno do eixo galáctico da Via Láctea são incrivelmente altas, também aqui na cara *biosfera* nosso drama humano anda em ritmo alucinante. A vida humana, macroscópica e microscópica, se constitui e reconstitui, dia

a dia, em cada reação química, cada novo Nobel de Física, cada novo Oscar da academia de Hollywood. Em um tempo muito curto, ficamos mais velhos, mais deprimidos ou despertos, mais críticos ou alheios, mais tristes, mais cientes de nossa finitude. E a nossa demanda por sentido, nosso sonho de resolver os porquês, nossa busca incessante por beleza e alegria crescem a cada fôlego que ganhamos ou perdemos pela vida. Nosso estudante, ensaiando seus primeiros passos como protagonista bioquímico, ético ou político, vai à escola talvez esperando que possa compreender a parafrenália social que o pressiona e liberta o tempo todo. Vai buscar respostas dos mestres aos seus dilemas humanos. Porém, de repente começa a ter de dar, ele próprio, *respostas corretas*.

Num processo aparentemente similar à frustração, seu ânimo – pela possibilidade de desvendar a natureza que percorre diariamente e a angústia que lhe rouba o sono – é substituído por uma estranha sensação de pressão por resultados, os quais advêm de processos estranhos e fora de seu rol de interesses. No início, tudo parece fantástico! Aulas deliciosas na educação infantil e nos primeiros anos do fundamental. Porém, à medida que as séries vão se sucedendo, um emaranhado de assuntos áridos e sem vínculo com o cotidiano começam a aparecer. E, junto com eles, a cobrança nova: necessidade de obterem notas satisfatórias no novo jogo que se instaura:

as *provas*, conhecidas também (erroneamente) como *avaliações*. De repente, somando-se à falta de sentido, as novas ações agora trazem outra angústia: a *performance*. Tão rápido quanto a correria do Sol ou das galáxias, eis que nossos pequenos se enrolam num movimento histórico invertido: *a obrigação de aprender e de dar respostas corretas*. Pobres dos desejos humanos exacerbados da adolescência que desponta.

É na adolescência (ou na pré-adolescência) que a falta de sentido encontra seu ápice. Em meio a transformações físicas e emocionais marcantes e decisivas, nosso jovem se torna – por força das circunstâncias e de um inconsciente errante e afobado – crítico do “não sei por quê”, soldado à procura de um inimigo poderoso e refém de ideias postizas, mágicas e “revolucionárias”. É nesse momento da vida que o humano contemporâneo, mais que experimentar situações e sensações, desperta para a necessidade de encontrar caminhos aos quais possa se aventurar em busca de um futuro digno. Questões as mais diversas perpassam seu mundo, e muitas delas requerem respostas mais complexas e completas. Respostas específicas, didáticas e, por que não, conceituais. Verdadeiros arcaibouços que haverão de estruturar sua vida adulta. Encaminhamentos abstratos que poucas famílias estão em condições de lhes proporcionar. Conhecimento sobre o mundo e sobre si.

Saberes com vieses acadêmicos, por que não? Algo que a educação informal não abarca, e que eles bem que gostariam de encontrar na formal; na *escola*. Entretanto, os conteúdos e as habilidades propostas lhes garantem apenas as boas notas, com prazo de validade estipulado; vetores das conquistas planejadas de vagas em faculdades e em bons empregos.

Assim, percebendo-se parte de um contexto inútil e sem sentido, ao mesmo tempo em que sentem pulular em si o emaranhado de angústias e sonhos, só lhes resta protestar; a seu modo: ao modo de quem enfrenta a violência do desdém e da mentira. De que maneira? Gritando! Pedindo socorro! Desafiando mais que o normal. De maneira indisciplinada, recalcitrante, provocadora! Desejando ser ouvidos. Tirando do ambiente escolar a parceria e a força dos que também percebem o absurdo que frequentam. São, via de regra, “maus alunos”, empecilhos à construção de conhecimentos e competências voltadas ao sucesso nos exames e nas provas consagradas socialmente. De gente ávida pelo saber aos 6 ou 7 anos, transformam-se, em menos de dez anos, em estudantes “apáticos”, “inapetentes” ou (pior que isso) “vagabundos”.

Por fim, é possível que muitas relevâncias sejam apontadas – como resposta a essas críticas – no sentido de se enfatizar o que há de bom na escola. E, certamente, serei eco a todos esses elogios. Sim, pois também cursei uma educação básica – porém, no meu caso específico, vivendo numa ditadura, a minha foi a tal “escola sem partido”, o que me fechou muito mais a mente – e o mesmo se deu com meus filhos. Mas, tanto no meu caso quanto no deles, algo bastante sintomático se deu: ambos, depois que a fase dos concursos passou, tivemos de exercitar uma das competências que mais praticamos nos bancos escolares: o *esquecimento*. Depois que escolhemos e conquistamos, via provas nacionais ou similares, nossas faculdades, tratamos de apagar de nossas mentes muito dos absurdos que tivemos de memorizar a fórceps. Com muito boa vontade e, em alguns casos, bons psicólogos, pudemos encontrar respostas buscadas há muito tempo. Pudemos, finalmente, construir, sobre os escombros da inutilidade, do jeito que foi possível, algum sentido. Nós e muita gente: parceiros na busca de humanos novos e mundos plausíveis. Gente que aprendeu a viver o possível, mas que lamenta, de vez em quando, o imenso tempo perdido.